

## Noticia historica

Sobre o preparo da vaccina anti-pestosa por OSWALDO CRUZ,  
no Instituto de Manguinhos

pelo

DR. FIGUEIREDO DE VASCONCELLOS.

Ha longo tempo tenho em mente escrever capitulos referentes á historia de factos scientificos que se passaram no Instituto de Manguinhos. Mas, a oportunidade nunca se apresentava, e, locubrações outras faziam com que retardasse este meu intento. Julgo agora, porem, asada a occasião.

O Instituto Oswaldo Cruz vae publicar um volume especial de suas « Memorias » para commemorar o centenario da Independencia de nossa Patria, collaborando n'elle todos os seus membros.

Resolvi, portanto, trazer como contingente este trabalho, no qual assignalarei todos os factos e peripecias que se passaram durante o periodo em que OSWALDO CRUZ preparou a vaccina anti-pestosa, primeiro producto bacteriologico feito segundo todas as prescrições da technica, no Brazil. Data d'ahi, indiscutivelmente, o inicio da bacteriologia scientifica na nossa Terra. E' verdade

que, anteriormente, já outros se tinham occupado de tal assumpto, mas não possuíam a verdadeira technica bacteriologica, rigorosa como é, e, tanto assim que, antes desta data, a nossa sciencia não registra um unico trabalho de merito real.

Com a publicação que ora faço, o meu principal fito é tornar conhecidos os factos que se passaram no inicio do Instituto, e bem assim o esforço, a tenacidade e a enorme força de vontade dispendidas por OSWALDO CRUZ, para a obtenção desse producto biologico, n'um meio como o nosso.

A figura de OSWALDO CRUZ, infelizmente, vai-se apagando, segundo a lei natural do tempo, concorrendo porem, grandemente para isto o que se observa entre nós — o rapido esquecimento de todos e de tudo — mesmo d'aquelles que mais fizeram, e por quem deveriamos conservar uma eterna gratidão.

Acompanhei como discipulo e auxi-

liar dedicado toda a rutilante carreira de OSWALDO CRUZ, quer como scien-  
tista quer como administrador, e foi por  
este motivo, que escolhi, justamente, es-  
ta phase de sua vida para delle occupar-  
me, porque a considero a mais brilhante  
de todas. Foi passada no silencio, entre  
as paredes do laboratorio, neste palco li-  
mitado onde apenas ha por assistencia  
os auxiliares, onde nascem e morrem  
grandes esperanças, de envolta com as  
desillusões, onde o melhor da vida do  
individuo é dado em holocausto á scien-  
cia; todo o seu tempo é consumido ten-  
tando desvendar os misterios da natureza  
e tudo é praticado com o intuito de be-  
nificar a humanidade! Palco que a mui-  
tos não agrada porque n'elle não existe  
a galeria...

OSWALDO, durante o tempo em que  
montava e preparava os laboratorios,  
estudava os differentes processos, até  
então apresentados, para o preparo da  
vaccina anti-pestosa.

A vaccina mais usada, a que gran-  
geara maior fama era a de HAFKINE.  
Para a sua obtenção semeiava este scien-  
tista bacillos da peste em caldo, no qual  
eram collocados algumas gottas de man-  
teiga de cacáo, para que os germens a  
ella adherissem mantendo-se sempre na  
superficie do meio. Os balões de caldo  
eram collocados na estufa a 35°, duran-  
te um mez, sendo agitados de quando  
em vez.

Findo este prazo é o caldo esterilisa-  
do a 70° durante uma hora. E' o proprio  
caldo que é empregado como vaccina na  
dosé de 3 a 3,5 cc. para adulto.

Esta vaccina já tinha sido usada em  
larga escala, principalmente na India,  
apresentando, indiscutivelmente, bons  
resultados.

Pelo modo de preparal-a, como aca-  
bamos de referir, comprehende-se, facil-  
mente, que esta vaccina não póde ser  
constante na sua riqueza microbiana, de-  
pendendo isto de differentes factores, de  
modo que não se pode garantir, em abso-

luto, o numero de germens injectados.  
Accrescendo que se inoculava alem dos  
corpos microbianos caldo, que contem  
varios productos, muitos dos quaes irri-  
tantes e pyretogenicos. As fortes reac-  
ções produzidas por tal vaccina são attri-  
buidas antes á inoculação do caldo do  
que aos proprios germens.

Varias foram as modificações pro-  
postas para substituir a vaccina de HAF-  
FKINE, e foi do estudo d'ellas de que  
se occupou OSWALDO, em tempo rela-  
tivamente curto, pois havia urgencia no  
fornecimento de vaccina para a immu-  
nisação da população do Rio de Janeiro,  
que estava, com toda a razão, alarmadis-  
sima com o incremento da peste, em vis-  
ta de ser mais demorado o preparo do  
sôro anti-pestoso e os Institutos de bac-  
teriologia europeus não poderem forne-  
cer sôro e vaccina.

OSWALDO CRUZ publicou, em 1901,  
no « Brazil—Medico » sob o titulo a  
« Vaccinação anti-pestosa », um trabalho  
a esse respeito. Faremos aqui uma rapi-  
da synthese do que diz, de modo a bem  
se poder apprehender como resolveu o  
problema que lhe era proposto.

Existiam, registrada em sciencia, 4  
modificações para o preparo da vaccina  
anti-pestosa.

1ª — A da Commissão allemã, envia-  
da á India para o estudo da peste, cons-  
tituida pelos Profs. GAFFKY, PFEIFER,  
STICKER e DIEUDONÉ.

Propuzeram como vaccina a emulsão  
de bacillos da peste em agua physiologi-  
ca, mortos a 65°, durante uma hora, ad-  
dicionada de acido phenico a 0,5 %. A  
dosé, indicada para o adulto, é a dos cor-  
pos microbianos desenvolvidos em um  
tubo de gelose.

2ª — LUSTIG e GALLEOTI resolve-  
ram empregar como substancia immuni-  
sante, não os corpos microbianos, mas a  
toxina d'elles extrahida. Os bacillos da  
peste, cultivados em gelose, são tratados  
por uma solução du potassa a 1 %. Esta

solução é, posteriormente, precipitada por ácido chlorhídrico ou acético diluído. O precipitado é lavado e secco no vácuo. O corpo resultante é a toxina, que constitue a substância immunisante, sendo injectada, dissolvida em solução de carbonato de sodio, na dose de 3 milligs. para o adulto.

3ª — CALMETTE cultiva o bacillo da peste em gelose. Emulsiona a cultura obtida em pequena quantidade de agua physiologica, que filtra em panno e depois em papel de filtro. Retoma os bacillos, adherentes ao papel em pequena quantidade d'agua e esteriliza-os a 70°, durante uma hora, depois do que secca-os no vácuo. Uma certa quantidade dos corpos bacillares seccos, suspensos em agua physiologica, é injectada como vaccina.

4ª — A ultima modificação é a proposta por TERNI e BANDI.

Estes autores inoculam na cavidade peritoneal de um animal (cobaya, coelho ou macaco) uma certa quantidade de cultura de peste, com o fim de produzir uma peritonite pestosa. Logo após a morte do animal, recolhem o exsudato peritoneal, que é diluído em agua physiologica, dependendo a quantidade de agua a juntar da espessura do exsudato. É esterilizado a 50—52°, durante 2 dias. Addiciona-se, então, ao liquido ácido-phenico a 0,5 %, assim como uma mistura das soluções de carbonato de sodio a 0,25 % e chlorureto de sodio a 0,75 %. A dosagem da vaccina é feita de modo que cada centimetro cubico da diluição do exsudato contenha um milligr. de substancias solidas, o que é de difficil obtenção.

Esta vaccina fez epoca entre nós, porque o Prof. TERNI aqui se achava e além disto era a unica que existia.

O curioso é que, sem grande analyse, foi muito bem aceita pela classe medica. Alguns medicos vangloriavam-se de se terem vaccinado, dizendo: fui vaccinado e com vaccina de macaco.

OSWALDO, com um sorriso enigmatico que lhe aflorava os labios em certas occasões, tudo ouvia com muita calma, e, fixando o interlocutor com o olhar penetrante e bom, deixava-o fallar...

Estudando estes differentes methodos de preparo de vaccina, verificou os inconvenientes que cada um apresentava sobrelevando a todos a falta de uma dosagem rigorosa. A dose para o adulto, que os autores indicam nos seus respectivos methodos, varia muito, e não se pode ter certeza da quantidade de germens que se inocula.

Do aprofundado estudo feito da analyse rigorosa dos differentes processos, pezando os prós e os contras, que cada um apresentava, resolveu OSWALDO preparar a vaccina apresentada pela Commissão allemã, que lhe pareceu a mais simples e a mais inocua. Mas, como n'ella, igualmente, não era indicado uma dosagem segura, concebeu fazer a dosagem da vaccina anti-pestosa por methodo ponderal que offerece segurança absoluta na quantidade de germens a injectar. Foi a primeira vez que em bacteriologia empregou-se a balança para tal mister.

Foi nessa occasião que OSWALDO CRUZ iniciou o preparo de producto biologico até então quasi desconhecido, para o qual não havia technica bem determinada e processo seguro de dosagem, tendo ainda de lutar com o já estabelecido — a vaccina anti-pestosa — preparada pelo Prof. TERNI, estrangeiro illustre, cientista com grande renome, e já aceita sem discussão por nossas autoridades sanitarias e pela classe medica.

Bem firmado, portanto, no que resolvera e tendo terminado a installação dos laboratorios, começou OSWALDO a trabalhar no preparo da vaccina anti-pestosa.

A primeira difficuldade que encontrou foi a falta de cultura virulenta de peste. É verdade que o veterinario CARRE, contractado para prestar serviços ao

Instituto, tinha trazido culturas de peste do Instituto Pasteur, de Paris. Mas, devido ao tempo em que estiveram sem serem transplantadas e principalmente inoculadas, estavam completamente avirulentas, o que se verificou quando, com ellas, foram inoculadas cobayas que não morreram.

Não me furto ao desejo de aqui referir o que se passou por ocasião da inoculação da primeira cobaya.

Resolvida essa inoculação, OSWALDO teve que acompanhar, ensinando, o preparo do crystalizador onde permaneceria o animal, assim como a adaptação da tégula de cobre, de malhas finas, que o deveria cobrir, para evitar a entrada de insectos sugadores.

Ha de parecer extranho que fosse o proprio OSWALDO, quem preparasse esta parte, em geral, comettida a serventes, mas é preciso saber que, n'essa occasião, elle só tinha 3 auxiliares — eu, medico e 2 estudantes de medicina ANTONIO FONTES e EZEQUIEL DIAS, sendo para nós inteiramente desconhecida a bacteriologia. OSWALDO fez questão que seus auxiliares possuíssem esta bôa qualidade, como dizia elle, pois que assim educar-nos-hia e nos prepararia á sua vontade e a seu geito.

Estando prompto o crystalizador, foi collocado o animal no seu interior e levado para a sala onde ia ser feita a inoculação.

Apanhei, então, o aparelho de contenção e levei-o commigo.

Ao ver-me perguntou-me OSWALDO: para que isto?

Para prender a cobaya, respondi.

Mas não é necessario, a cobaya vae ser segura com as mãos.

Com as mãos? e por quem? interpelei.

Por você.

Por mim?

Sim, mas caso você não queira eu seguro e você injecta, retrucou, fitando-me fixamente.

Mostre-me como se segura o animal e estou prompto, disse-lhe eu, embóra sentisse, confesso, um certo receio...

Realmente, OSWALDO indicou-me como se mantinha o animal; fiz o que me ensinava e elle apanhando a seringa já cheia de cultura, injectou-a.

Ambos estavamos commovidos, eu principalmente; as nossas respirações eram curtas e apressadas. Quando soltei o animal dentro do crystalizador, respirei profundamente, acabava de retirar um grande pezo de cima de mim. Olhei para o OSWALDO, que se ria, estando, porém' com o rosto coberto de suor, o que tambem me succedia... perguntou-me, então se o medo já tinha passado...

Muitas e muitas vezes quando conversavamos sobre os primordios do Instituto, recordando o passado, referiamos-nos sempre a este facto de cuja sensação e detalhes nunca nos esquecemos, o que nos fazia rir gostosamente.

Tendo verificado a virulencia das culturas trazidas por CARRÉ, soccorreu-se OSWALDO da cultura de peste, que isolára em Santos, quando ahi esteve para fazer o diagnostico da epidemia reinante. Esta, porem, estava tambem avirulenta.

Começou, então, a empregar os diferentes meios, aconselhados em sciencia para tornar virulentas os germens pathogenos avirulentos. O que melhor resultado deu foi a inoculação de acido-lactico na cavidade peritoneal de um animal e, algum tempo depois, a inoculação de cultura. Com este processo conseguiu provocar a morte de uma cobaya por peritonite pestosa. O exudato colhido foi injectado immediatamente no peritoneo de uma pequena cobaya de 4 dias, que succumbira rapidamente. Foram feitas assim re-inoculações em serie, obtendo-se em pouco tempo um germen altamente virulento.

Até a obtenção d'este resultado era grande a preocupação de OSWALDO na incerteza de poder conseguir um virus,

que se prestasse á realisação do seu desideratum.

Por ocasião da autopsia da primeira cobaya morta de peste, deu-se um accidente verdadeiramente dramatico.

Tendo OSWALDO verificado sabado, á tarde, que o animal inoculado estava bastante doente, combinou commigo virmos no dia seguinte, domingo, ao Instituto, afim de autopsiar o mesmo. Com effeito, ás 7 horas da manhã ahi estavamos.

A cobaya ainda estava viva, porém, moribunda, motivo pelo qual foi resolvido matal-a com chloroformio, pois assim haveria certeza da obtenção de culturas puras de seus orgãos.

Havia no antigo bioterio, hoje destruido, um pequeno forno para incineração de animaes, cujo corpo ficava dentro do bioterio abrindo-se a porta, porém, para o lado de fóra. A chaminé de ferro corria por dentro da sala, atravessando o telhado por entre os caibros de madeira.

O forno foi logo acceso para que se incinerasse o cadaver do animal logo após a autopsia.

No interior do laboratorio, hermeticamente fechado, só estavamos o OSWALDO e eu, com longas blusas e botas de borracha; os serventes espiavam atravez janella. A emoção de que todos estavamos possuidos era grande.

Tomadas as precauções necessarias, que, aliás, foram exageradas, como é de prever, começou OSWALDO a autopsia.

Pouco depois sentia-se um forte cheiro de madeira queimado, o que era attribuido ao forno.

Aberto já o animal quando o OSWALDO dispunha-se a fazer a colheita dos orgãos, olhei casualmente para cima e veritiquei que os caibros, em contacto com a chaminé, estavam pegando fogo. Chamei a atenção de OSWALDO, que, olhando calmamente disse-me: temos tempo de terminar a autopsia e depois apagaremos o fogo.

Fez com maestria consummada a colheita e sementeira do material, empregando os minimos detalhes da autopsia. Terminada a autopsia e protegida a cobaya com folhas de papel de filtro, embebidas de solução antiseptica, foi collocada a mesma em lugar afastado.

Tratamos então de apagar o incendio, que já estava tomando proporções maiores.

OSWALDO fez-se subir para cima do forno, cujo fogo fôra retirado, externamente, pelos serventes, e elle, em pessôa, ia a porta buscar baldes cheios d'agua que os empregados lhe traziam. Assim procedia porque estes não estavam protegidos com as blusas nem calçados, não querendo, portanto, que assim penetrassem no bioterio. Com alguns baldes de agua, felizmente, foi extincto o fogo. Devido a este accidente foi temporariamente condemnado o forno, que só se utilizou novamente depois da chaminé de ferro ter sido revestida de tijollos.

Os animaes autopsiados, durante este interregno, eram collocados no autoclave, para serem devidamente esterilizados e após queimados.

Foi assim obtida, partindo-se de uma raça avirulenta do bacillo da peste, por passagens successivas em cobayas, uma raça altamente virulenta, que se poderia dizer quasi fixa, porque matava os animaes, em geral, em 5 dias.

Estava assim OSWALDO de posse do indispensavel para o preparo da vaccina.

Conforme dissemos, OSWALDO tinha resolvido preparar a vaccina segundo o methodo apresentado pela Comissão allemã. O unico ponto fraco que elle encontrava era a dosagem, porque a Comissão recommendava como dóse para o adulto a inoculação dos germens. desenvolvidos em um tubo de gelose. Concluia dahi com todo a razão, que variando igualmente e muito a maneira de semeial-os, não poderia haver um criterio

seguro na adopção de tal indicação como dóse. Resolveu, por este motivo fazer a dosagem ponderal, verificando qual o pezo dos corpos microbianos desenvolvidos em um tubo de gelose. Assim mantinha a dosagem indicada pela Commis-são allemã, mas de um modo seguro e rigoroso.

Para chegar a este resultado mandou preparar gelose pelo FONTES e EZEQUIEL, estudantes de medicina, incumbidos nessa epoca, do preparo dos meios de cultura, e com ella foram preparados varias centenas de tubos de gelose, de modo que elles variasse não só a quantidade de gelose como tambem a superficie de inclinação. Os tubos de gelose apresentam sempre no fundo, uma certa quantidade de liquido, proveniente da agua de condensação. Como porém, o OSWALDO necessitasse que a gelose estivesse secca, retirou dos tubos que iam servir para o ensaio, a agua, aspirando-a, com uma paciencia admiravel, por meio de uma pipeta de bola. Conservou-os ainda intactos durante 2 dias, não só para que a gelose seccasse bem pela evaporação como tambem para verificar si os tubos de gelose não se contaminaram durante a operação.

Foram, então semeiados por OSWALDO e por mim, um grande numero de tubos, variando o modo de espalhar a semente, de maneira que se obtivesse um desenvolvimento sinão muito variavel ao menos não muito uniforme depois do que foram postos na estufa a 35° durante 48 horas. Findo este prazo collocou OSWALDO uma certa quantidade de agua physiologica dentro de cada tubo, com o fim de destacar a cultura emulsio-nando-a. Recolheu, então, a emulsão de todos os tubos por meio de uma pipeta de bóla, reunindo-as em um balão Pasteur. Esta emulsão foi esterilizada a 65°, durante 1 hora, em estufa. O reservatorio do thermometro, que ia marcar a temperatura interna da estufa, estava mergulhado em agua physiologica, contida

em um balão, identico ao que continha a emulsão bacillar, de modo a se ter a temperatura real do liquido.

Com a agua physiologica, que servira para retirar os corpos microbianos, continha além destes chloreto de sodio e productos soluveis da gelose, foram tratados, do mesmo modo que os tubos semeiados com peste, numero igual de tubos de gelose da mesma partida.

A agua que serviu para a lavagem d'estes tubos foi, igualmente, recolhida por meio de uma pipeta de bóla e reunidas em um mesmo balão.

OSWALDO, tendo resolvido fazer a dosagem da vaccina por pesada, e como o Instituto não possuísse uma balança de precisão, fez vir para o Instituto uma de sua propriedade, de longos braços e sensivel ao 1/10 de milligr. e que oscilava... um tempo infinito, antes de parar. Realmente era um martyrio pesar em tal balança, principalmente, porque era exigida por OSWALDO a dupla pesada.

Quando OSWALDO fallava em pesar, o FONTES e o EZEQUIEL ficavam atonitos e aprehensivos até que fosse indicada a victima, que seguia heroicamente para o martyrio sem a mais leve recriminação. Com effeito, durante 1 hora, no minimo, ficava-se sentado defronte da balança que oscillava eternamente... A pesada só era aceita depois de verificada por OSWALDO, quando era cousa de maior responsabilidade. N'esta epoca o grande mestre era de uma exigencia desmesurada. Pois foi nesta balança que se fez a dosagem da vaccina.

Em capsula de platina, previamente tarada foi evaporada, em banho maria, toda a emulsão bacillar. Finda a evaporação foi a capsula collocada em um dissecador, em presença de acido-sulphurico onde permaneceu durante 24 horas. Foi, então, pesada, tendo-se obtido o peso dos corpos microbianos, mais chlorito de sodio e productos soluveis da gelose, retirada, bem entendido, a tara da capsula.

A agua de lavagem dos tubos da gelose, não semeiados, foi tratada pelo mesmo processo, obtendo-se, assim o peso das substancias n'ella contidas.

Retirando este peso do da emulsão, obtive OSWALDO o peso dos corpos microbianos, que dividido pelo numero de tubos usados, deu o peso dos corpos microbianos contidos em um tubo de gelose, dóse aconselhada para adulto pela Commissão allemã.

O peso obtido foi de 2,5 milligs. por tubo de gelose.

Preparou então OSWALDO, a vaccina, isto é, suspensão de corpos microbianos em agua physiologica, phenicada a 0,5 % em que cada 2 cc. continha 2,5 milligs. de germens mortos.

A principio eram preparadas pequenas partidas, pois ellas iam apenas servir para a experimentação animal.

O animal de escolha foi a cobaya.

Eram sempre constituídos lotes, cada um de 12 animaes, que eram inoculados com diferentes dóses de vaccina em série crescente, até a dóse maxima.

Para que não houvesse confusão entre os animaes, inoculados, eram descritos pelas côres, manchas e respectivas localisações. Isto constituia um trabalho enfadonho, para o qual OSWALDO exigia grande rigôr. Além disto, para que os animaes fossem mais facilmente reconhecidos, eram marcados com diferentes côres, em partes diversas do corpo. Excuso dizer que estas descrições eram feitas por nós.

Tomava-se o peso e a temperatura dos animaes antes da inoculação, e o mesmo era feito, diariamente, depois.

O primeiro animal doente foi para OSWALDO um verdadeiro tormento, manologando com o olhar perdido—será peste! O animal foi immediatamente isolado em crystalizador, tomando-se todas as precauções, como se realmente o fosse.

A cobaya, quando prestes a morrer, foi sacrificada. Todos os seus órgãos se-

meiados e delles foram feitos esfregaços, que immediatamente foram corados e examinados, não tendo o exame microscopico mostrando um unico germen.

Quando no dia seguinte iam para o Instituto, OSWALDO, de quando em vez, dizia-me: VASCONCELLOS as culturas estarão estereis? Notava-se perfeitamente, que a ideia o perseguia. Assim chegemos ao Instituto, dirigiu-se, mesmo sem mudar de roupa e vestir a blusa, para a estufa. Abriu-a e ao ver os tubos de caldo perfeitamente estereis riu-se, a sua physionomia expandiu-se, nella reflectia-se o prazer de que se achava possuido, todo elle vibrava e com um riso alegre e bom mostrava-me as culturas, apresentando um ar de triumphador. Na verdade, acabava de conquistar a mais bella das victorias: a victoria da sciencia.

A vaccina foi experimentada em varios lotes de animaes e como por esses ensaios ficasse convencido de que a dóse immunisante estava bem determinada, chegou a conclusão de que poderia ser inoculada no homem.

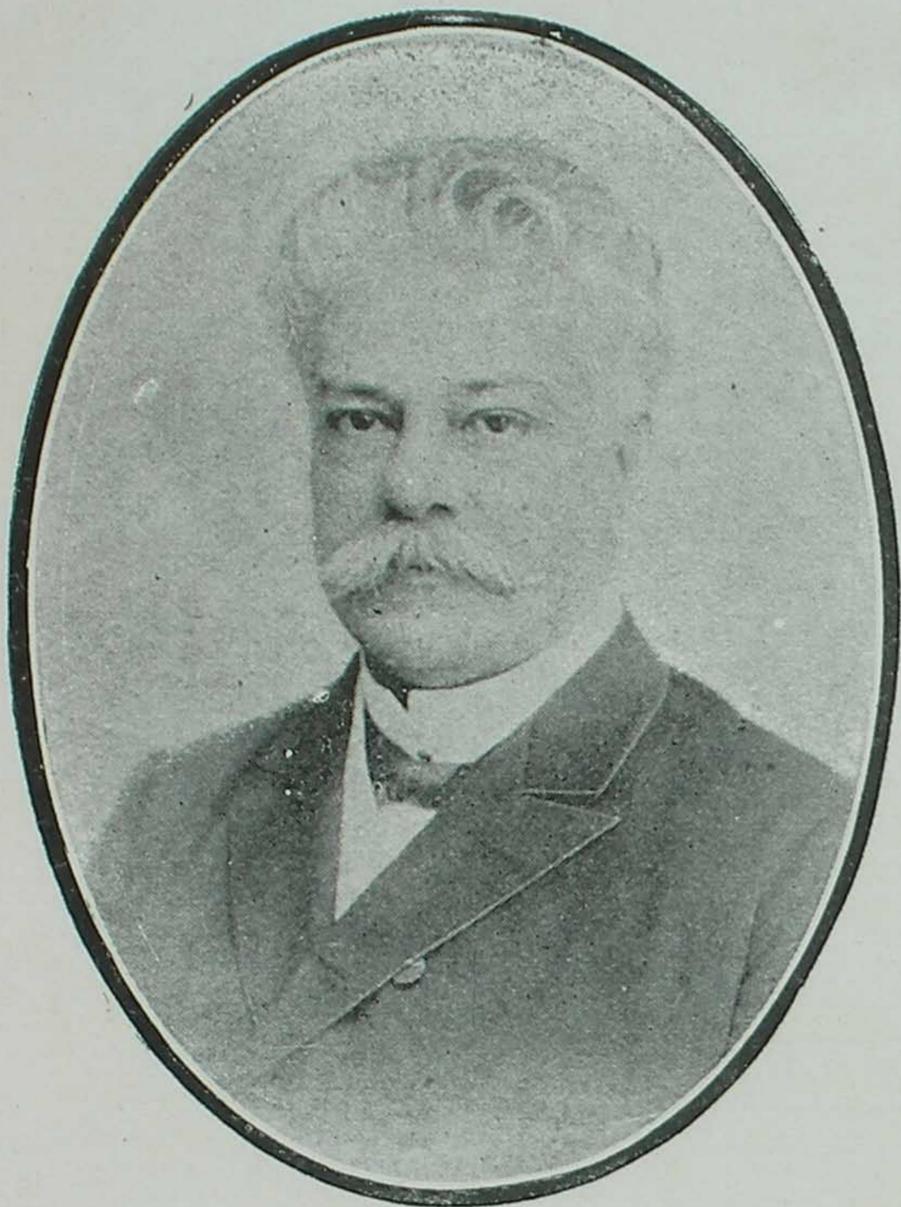
Um dia, ao terminar os trabalhos, chamou-me e disse-me: vamos ensair a vaccina no homem, vamos-nos inocular eu e você. Confesso que a ideia não me agradou muito, mas desde que o Mestre queria...

De facto encheu uma pequena seringa de ROUX com 2 cc. de vaccina e entregando-m'a, disse-me: injecta-me. Fiz a antisepticia da pelle do flanco e inoculei-lhe a vaccina.

Depois elle vaccinou-me.

Ficou combinado, então que nos observariamos cuidadosamente e que tomaríamos a temperatura de 2 em 2 horas.

A noite, como estivesse perfeitamente bem, apenas sentindo um pouco de dôr no ponto da inoculação, fui visital-o. OSWALDO teve um verdadeiro prazer em ver-me; abraçou-me e no seu abraço amigo comprehendi toda a ventura que lhe ia n'alma, a emoção da victoria o arre-



Dr. Bento Gonçalves Cruz



D. Amalia Taborda de Bulhões Cruz



Dr. Oswaldo Cruz com um anno de idade.

Berço que serviu ao Dr. Oswaldo Cruz.

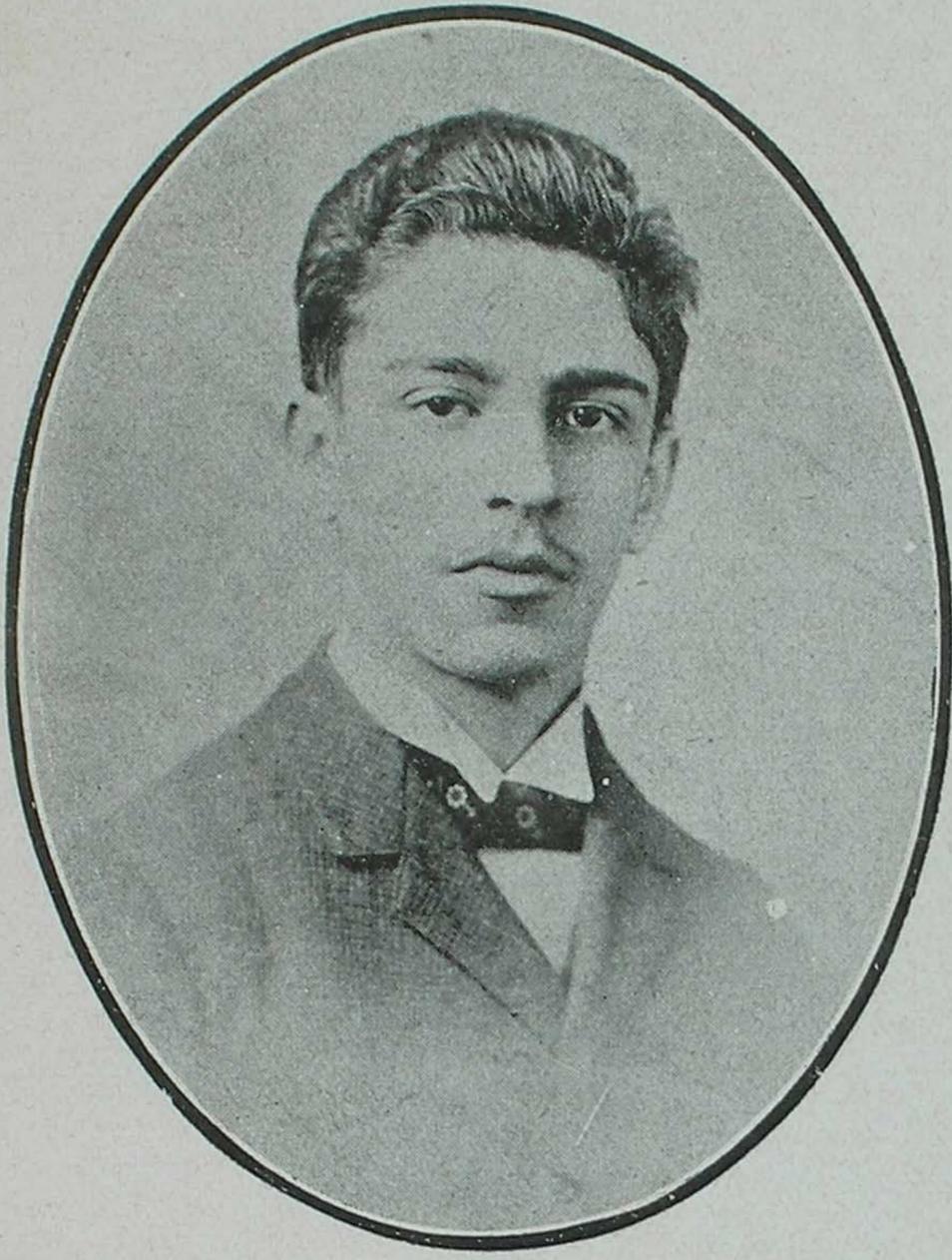




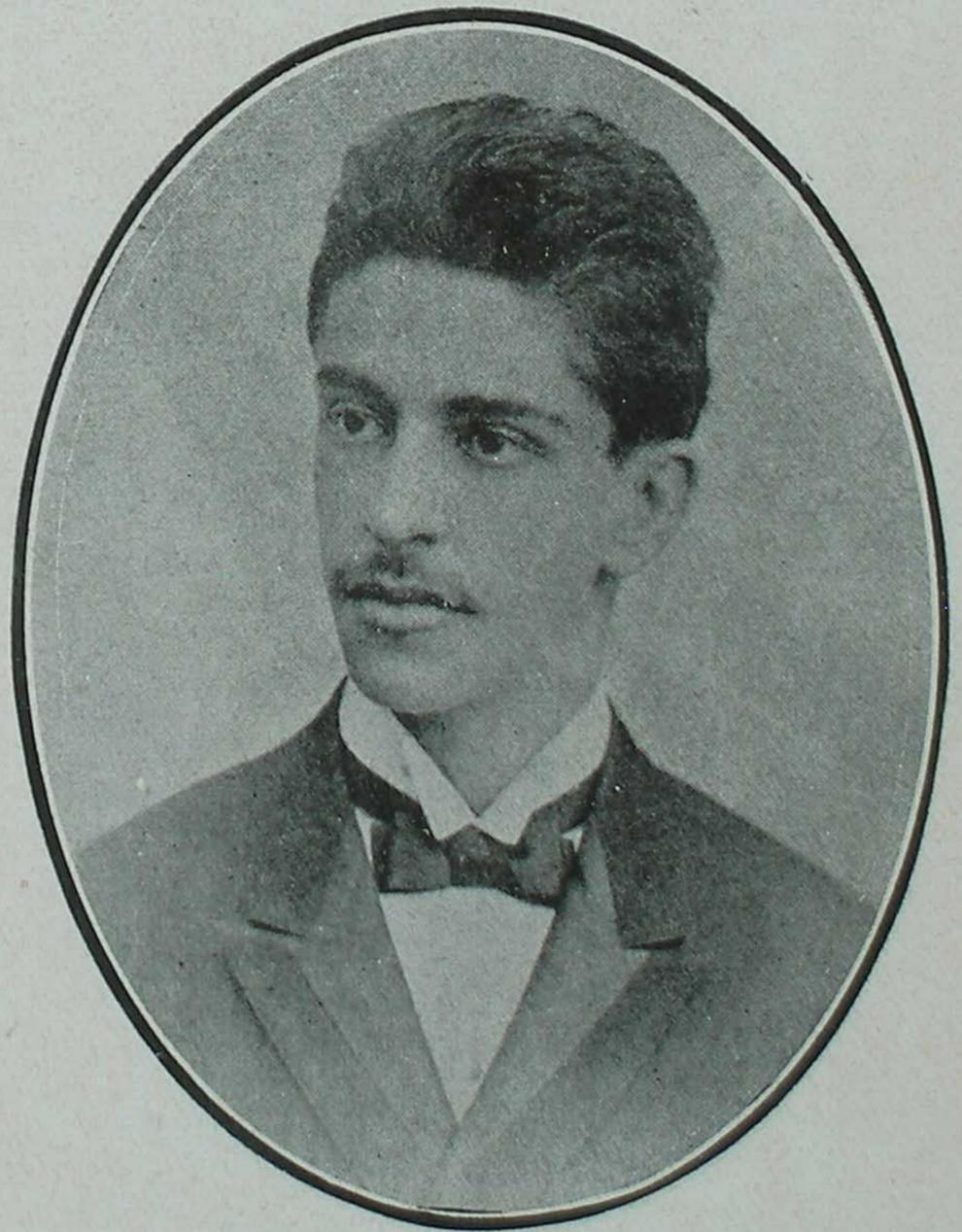
Dr. Oswaldo Cruz com 3 annos de idade.

Dr. Oswaldo Cruz com 12 annos de idade.





Dr. Oswaldo Cruz com 18 annos de idade.



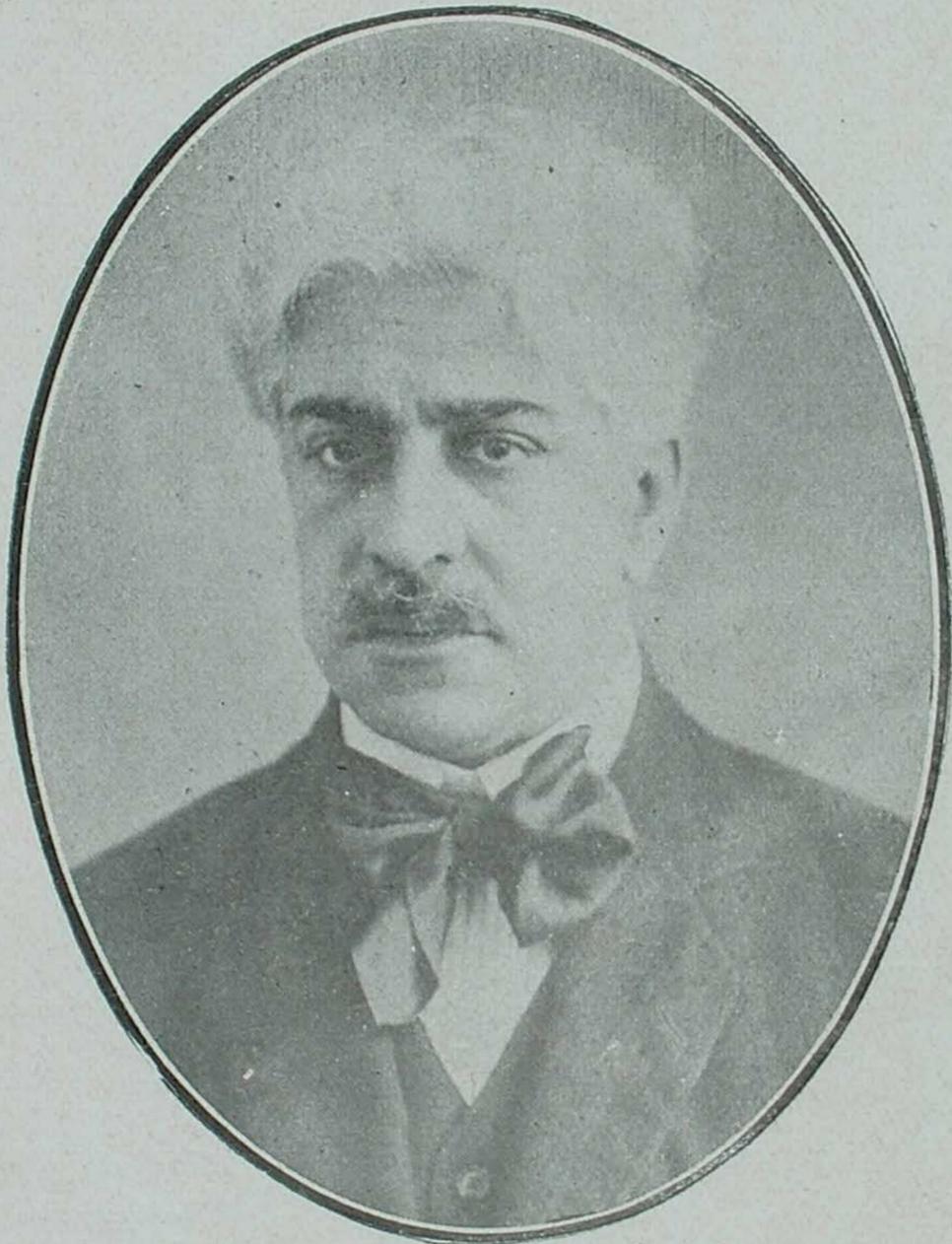
Dr. Oswaldo Cruz com 20 annos de idade.



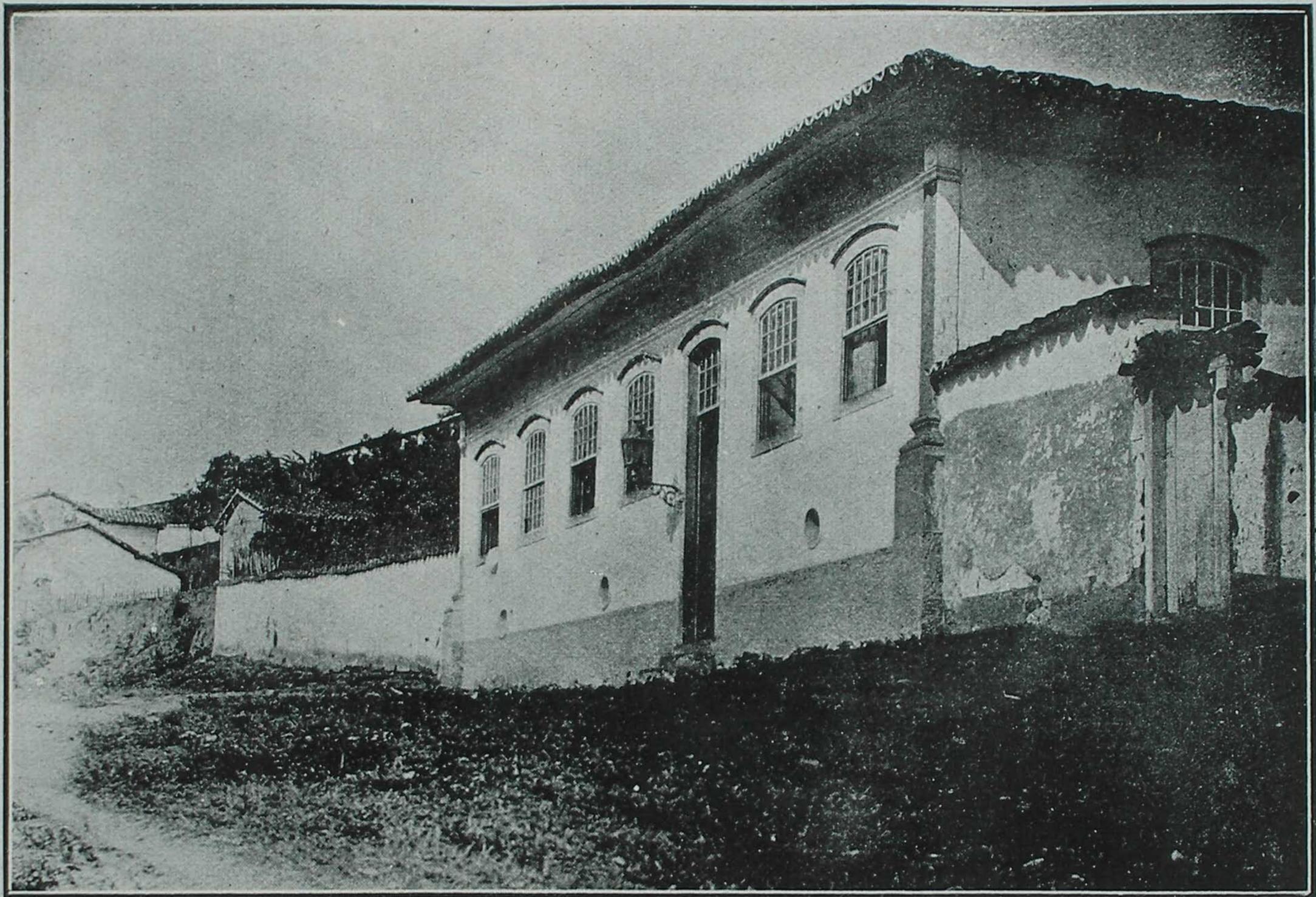
Dr. Oswaldo Cruz com 25 annos de idade. Photographia tirada em Paris com o seu filho Bento.



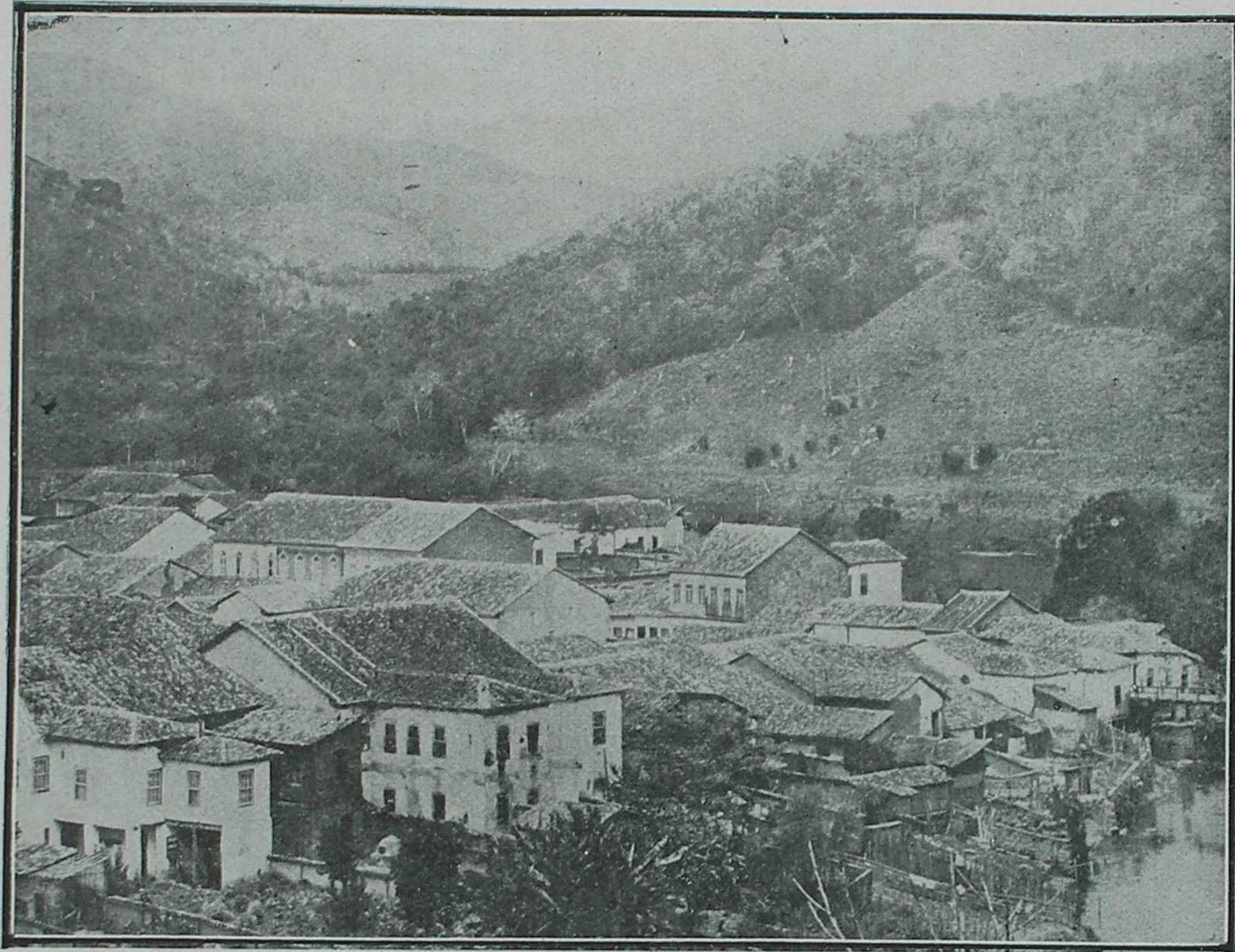
Dr. Oswaldo Cruz com 29 annos de idade.



Dr. Oswaldo Cruz com 44 annos de idade



Casa onde nasceu o Dr. Oswaldo Cruz em São Luiz do Parahytinga.



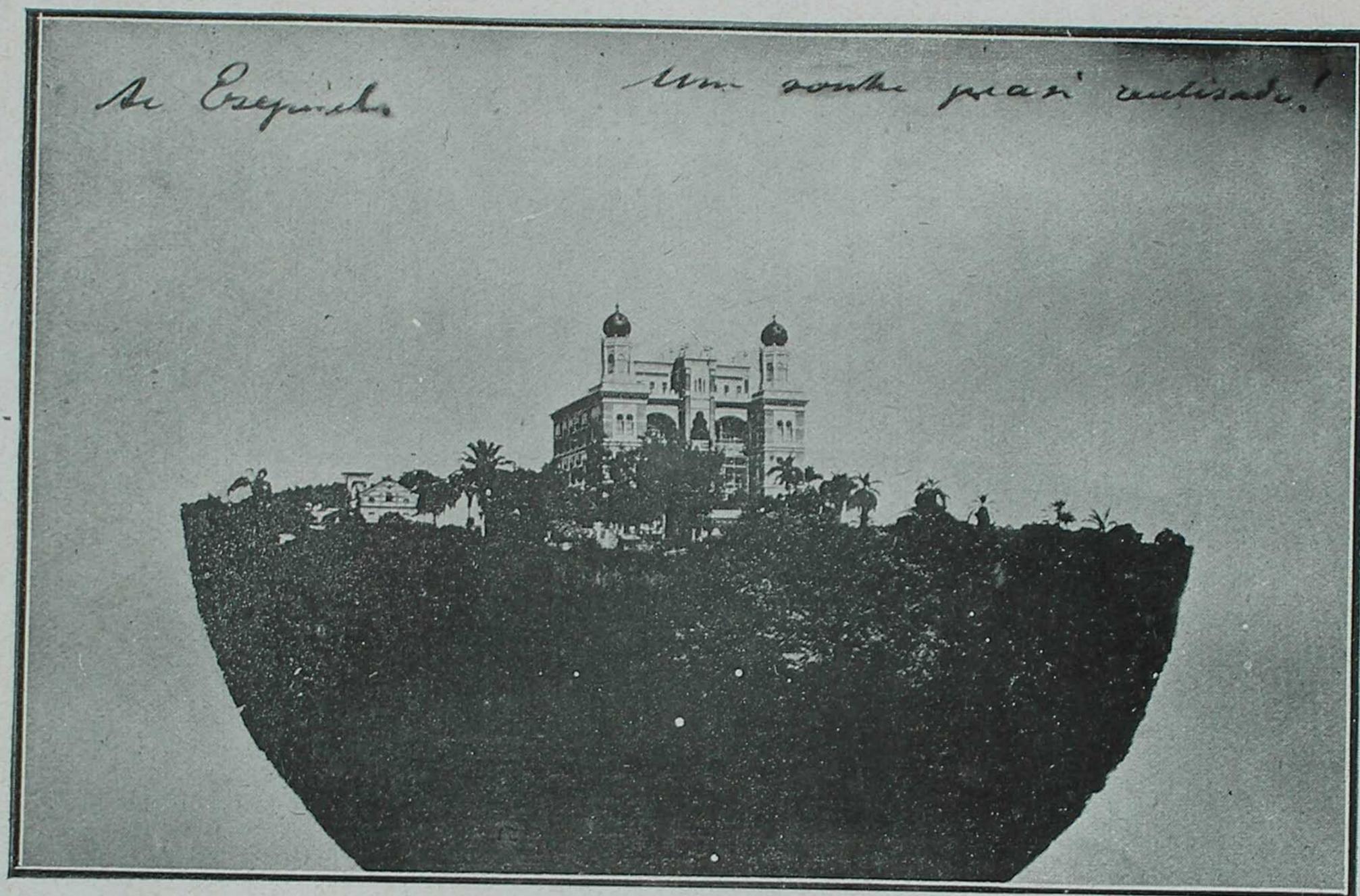
Vista panorâmica de São Luiz do Parahytinga.



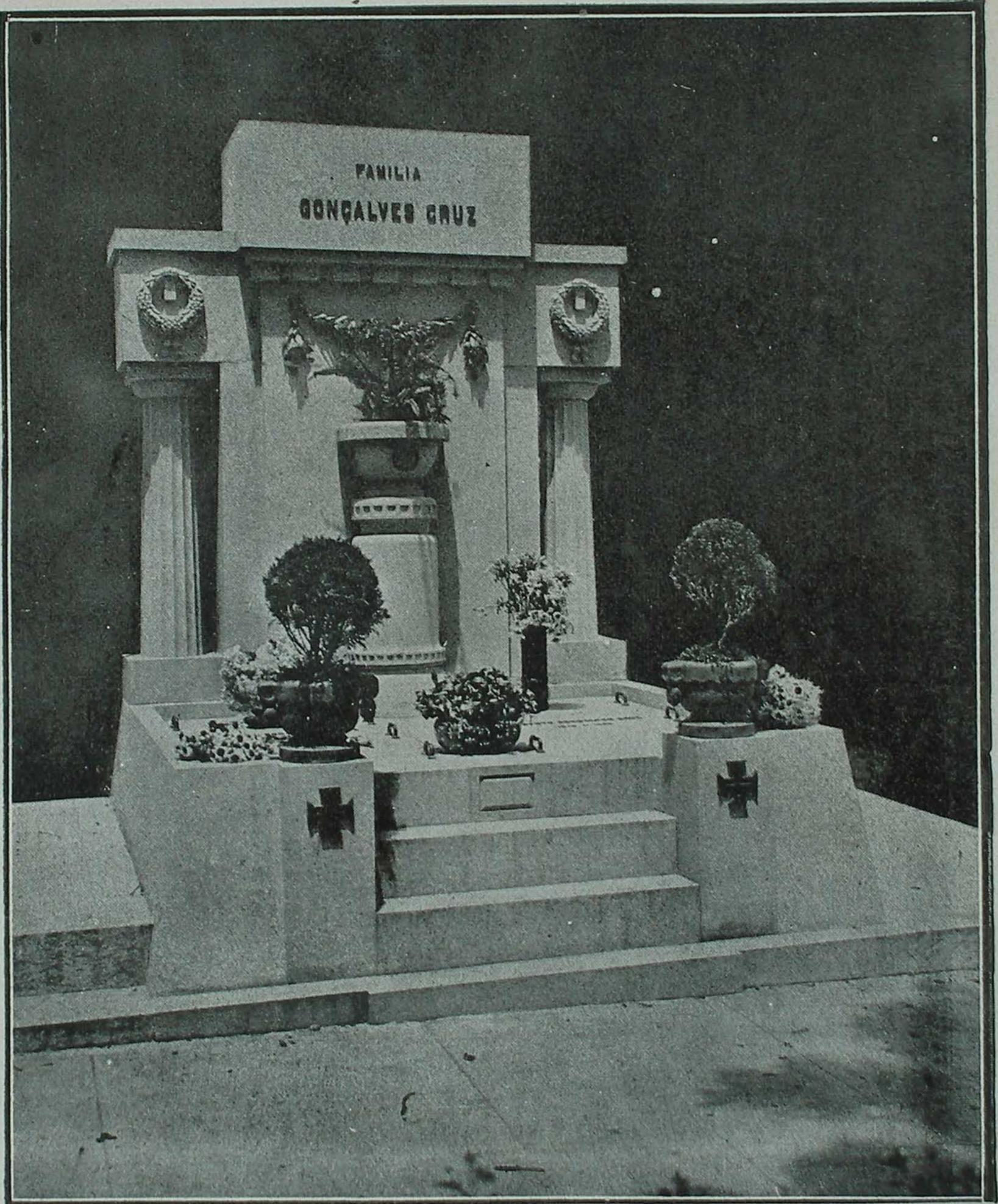
São Luiz do Parahytinga — Igreja aonde foi baptisado o Dr. Oswaldo Cruz.



Vista panorâmica de São Luiz do Parahytinga.



Postal enviado por Oswaldo Cruz a Ezequiel Dias.



Tumulo de Oswaldo Cruz. Cemiterio S. João Baptista—Capital Federal.

balava ao mesmo tempo que o sensibilizava, mas estes sentimentos que procurava occultar, conforme o seu habito, transpareciam claramente. Estava em seu gabinete de estudo e fez-me collocar o thermometro para verificar que ainda não apresentava reacção thermica.

OSWALDO apenas teve ligeira elevação de temperatura e dôr no ponto de inoculação.

No dia seguinte, á hora habitual, tomavamos o trem com destino a Mangueiros.

A tarde d'este dia, pouco antes de sairmos, foram inoculados o FONTES e o EZEQUIEL; era o segundo lote de cobayas bipedes... na phrase de OSWALDO. Estes tambem só apresentaram ligeira reacção thermica e pequena dôr no ponto da injeccão, o que não os inhibiu de, no dia seguinte, comparecerem ao Instituto.

Foram, igualmente, inoculados os serventes: o velho MUNIZ, o ANTONIO, seu filho, o ARTHUR LEITE e o MANOEL CALDEIRA. Estes sentiram dôr no ponto e apresentaram, tambem, elevação de temperatura, a excepção do MANOEL CALDEIRA.

O velho MUNIZ e o seu filho ANTONIO já falleceram. Aqui deixo, aproveitando a oportunidade, registradas as saudades que sinto, destes companheiros do inicio do Instituto. Foram bravos trabalhadores e muito concorreram para a grandeza da obra de OSWALDO CRUZ; embora modestas fossem as collocações que nelle exerceram.

Estava assim a vaccina perfeitamente ensaiada e foi resolvido o seu fornecimento

Por esta rapida descripção podem os leitores, caso os tenha, apanhar a psychologia do grande OSWALDO CRUZ. Adquiriu bem os elementos de certeza de que a vaccina era inocua e só depois de convencer-se de que perigo algum poderia correr quem com ella se injectasse, é que forneceu-a... si lhe restas-

se a minima duvida seria incapaz de o fazer. Com o seu proceder manifestava-se o verdadeiro homem de sciencia que era.

Para distribuir a vaccina teve OSWALDO que ideiar um aparelho, que até hoje é usado no Instituto.

A principio era elle proprio quem distribuia e eu ao lado fechava as empôlas á lampada. Quando estavamos cansados nos revesavamos. Isto depois era feito pelo FONTES e EZEQUIEL. O aparelho esteve sempre prompto, de modo que quando havia serviço urgente, OSWALDO designava dois que deviam occupar-se de tal mister, para descansar, conforme dizia... mas a verdade é que, no fim de algum tempo, o cansaço era grande e as costas doiam pela posição curvada e forçada em que se ficava.

As empôlas eram, depois de cheias, immersas em agua, dentro de um grande calice. D'ahi eram retiradas, enxutas e collocadas dentro de alcool, donde depois de enxutas e perfeitamente limpas, eram rotuladas. Collado o rotulo, como ficesse sempre o excesso de gomma, eram novamente lavadas as extremidades. Só então, eram embrulhadas em grupo de cinco, nas bullas, para serem acondicionadas entre pastas de algodão, nas caixas de madeira, que continha, cada uma 100 doses.

Tudo, desde o preparo da vaccina, distribuição até o acondicionamento, era feito por seis pessoas: OSWALDO, FONTES, EZEQUIEL, os serventes ANTONIO e ARTHUR e por quem escreve estas linhas. Ás vezes, porém, quando havia urgencia, entravam tambem na funcção o velho MUNIZ e o MANOEL.

Muitas e muitas vezes sentavamos todos, em torno de uma meza, no centro do laboratorio, na labuta da vaccina. Reinava, admirem os formalistas, a mais franca camaradagem e alegria. OSWALDO, o director, pilheriava e todos, inclusive os serventes riam-se gostosamente. Estes intervinham ás vezes com apartes

que eram bem recebidos e tinham a merecida retribuição.

Uma vez, o FONTES, que não tinha grande habilidade manual para a rotulagem e empacotamento da vaccina, impacientou-se e disse: não sei para que tanto cuidado, acho isto exagerado. Ao que retrucou OSWALDO: Bem FONTES, de hoje em diante, vamos embrulhar a vaccina em pedaços de jornal velho, e assim será melhor. Houve uma gargalhada geral; o FONTES a principio, desconcertou, mas também não se pode conter e acompanhou o terço, rindo-se alegremente com todos.

Felizes tempos!

Apezar da liberdade concedida, OSWALDO era absolutamente respeitado e qualquer de nós seria incapaz do mais ligeiro abuso. Não era um director, mas sim um amigo, que tudo obtinha de seus auxiliares, desde o mais graduado até o mais humilde, pelo seu modo de tratar e pela sua bondade. Infelizmente, parece, levou o seu segredo para o tumulo...

E era assim que se trabalhava em Manguinhos...

O que acabo de referir é pouco conhecido, ou antes, só mesmo nós que fa-

ziamos parte do Instituto, em seu inicio, é que guardamos estas recordações com carinho.

Ao escrever estas linhas, despertando-se-me no cerebro factos que pela impressão produzida nunca se apagaram, só tive em mira tornar publica, segundo penso, a mais bella pagina da vida de OSWALDO CRUZ.

Eis a razão de ser do meu trabalho. quero que no meio das festas commemorativas do centenario da nossa cara Patria, não seja esquecido OSWALDO CRUZ, o grande mestre, que tanto a amava e que tanto concorreu para o seu engrandecimento e prosperidade, com a criação do Instituto, que guarda o seu nome, e com a extinção da febre amarella.

Elle ahi está... é um marco muito modesto que aproveito a oportunidade para elevar ao meu inesquecível Mestre e amigo e cujo unico fito é assignalar a fundação, pelo mesmo da bacteriologia no Brazil. A mim serviu para avivar aquelles tempos felizes, de que sempre me recordo com infinitas saudades.

Instituto Oswaldo Cruz, Julho de 1922.